

## A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO – UMA REVISÃO LITERÁRIA

THE CONTRIBUTION OF PHILOSOPHY IN EDUCATION – A LITERARY REVIEW

EL APORTE DE LA FILOSOFÍA EN LA EDUCACIÓN – UNA REVISIÓN LITERARIA

Audinete Franco de Santana Barreiro<sup>1</sup>

Débora Araújo Leal<sup>2</sup>

Ângelo Ribeiro Fróes<sup>3</sup>

**RESUMO:** O artigo aborda uma relação intrínseca entre filosofia e educação, enfatizando como as filosofias específicas, fundamentalmente, teorias educacionais. Desde os gregos, particularmente com Platão, uma educação foi concebida como a transmissão de valores & conhecimento, acercada no dualismo entre o mundo sensível e o mundo das ideias. O cristianismo assimilou essa perspectiva, conceitos mais dinâmicos como pecado original e a dicotomia entre espírito e carne, influenciando a educação moral educacional. Com a Revolução Científica, pensadores como Bacon e Descartes enfatizaram a experimentação e a razão, dissociando ciência e religião. Kant consolidou a discussão entre razão teórica e prática, fortalecendo a tradição filosófica ocidental. No século XX, John Dewey defendeu uma educação pragmática & democrática, que combina conhecimento e ação, mas sua perspectiva ainda encontra resistência em sistemas educacionais eficazes. O texto conclui que, apesar dos progressos, uma educação ainda enfrenta dualismos (teoria/prática, espírito/corpo), e uma democratização efetiva requer a superação dessas dicotomias. No contexto contemporâneo, é imperativo ajustar as filosofias educacionais aos critérios sociais, fomentando uma educação inclusiva e analítica.

1954

**Palavras-chave:** Filosofia. Educação. Revisão Literária.

<sup>1</sup>Mestra em Ciências da Educação pela EBWU; Professora da Rede Estadual de Ensino da Paraíba e da Rede Municipal de Boa Ventura -PB.

<sup>2</sup>Pós – Doutora em Docência Universitária pelo Instituto Universitário Italiano de Rosário IUNIR-AR, Doutora em Ciências da Educação pela Uninter - PY e Coordenadora Pedagógica em Feira de Santana – BA.

<sup>3</sup>Doutor em Ciências da Educação pela UAB; Professor de Educação física em rede particular

**ABSTRACT:** The article addresses an intrinsic relationship between philosophy and education, emphasizing how specific philosophies are fundamentally educational theories. Since the Greeks, particularly with Plato, education has been conceived as the transmission of values and knowledge, surrounded by the dualism between the sensible world and the world of ideas. Christianity assimilated this perspective, more dynamic concepts such the original sin and the dichotomy between spirit and flesh, influencing educational moral education. With the Scientific Revolution, thinkers such as Bacon and Descartes emphasized experimentation and reason, dissociating science and religion. Kant consolidated the discussion between theoretical and practical reason, strengthening the Western philosophical tradition. In the 20th century, John Dewey defended a pragmatic and democratic education, which combines knowledge and action, but his perspective still encounters resistance in effective educational systems. The text concludes that, despite progress, education still faces dualisms (theory/practice, spirit/body), and effective democratization requires overcoming these dichotomies. In the contemporary context, it is imperative to adjust educational philosophies to social criteria, fostering an inclusive and analytical education.

**Keywords:** Philosophy. Education. Literary Review.

**RESUMEN:** El artículo aborda una relación intrínseca entre filosofía y educación, enfatizando cómo las filosofías específicas, fundamentalmente, las teorías educativas. Desde los griegos, particularmente con Platón, la educación ha sido concebida como la transmisión de valores y conocimientos, basada en el dualismo entre el mundo sensible y el mundo de las ideas. El cristianismo asimiló esta perspectiva, conceptos más dinámicos como el pecado original y la dicotomía entre espíritu y carne, influyendo en la educación moral educativa. Con la Revolución Científica, pensadores como Bacon y Descartes enfatizaron la experimentación y la razón, disociando ciencia y religión. Kant consolidó la discusión entre la razón teórica y la práctica, fortaleciendo la tradición filosófica occidental. En el siglo XX, John Dewey defendió una educación pragmática y democrática, que combine conocimiento y acción, pero su perspectiva aún encuentra resistencia en los sistemas educativos eficaces. El texto concluye que, a pesar de los avances, la educación aún enfrenta dualismos (teoría/práctica, espíritu/cuerpo), y una democratización efectiva requiere superar estas dicotomías. En el contexto contemporáneo, resulta imperativo ajustar las filosofías educativas a criterios sociales, promoviendo una educación inclusiva y analítica.

1955

**Palabras clave:** Filosofía. Educación. Revista literaria.

## INTRODUÇÃO

O ensaio examina a relação intrínseca entre filosofia e educação, enfatizando como as filosofias são fundamentalmente teorias gerais da educação e educação, enfatizando como as filosofias são fundamentalmente teorias gerais da educação. Desde os primórdios, a educação tem funcionado como um veículo para a transmissão de cosmovisões e valores sociais, mesmo antes da formalização filosófica. Os primeiros filósofos, como os sofistas e Platão, atuaram como educadores e reformadores, influenciando a mentalidade ocidental fundamentada na razão e na exclusão do supersticioso.

Platão formulou uma filosofia dualista, dissociando o mundo das ideias (eterno e imutável) do mundo sensível (imperfeito e transitório), impactando significativamente a educação ocidental com sua perspectiva hierárquica e intelectualista. O cristianismo, posteriormente, assimilou elementos platônicos, conceitos mais dinâmicos como o pecado original e a dicotomia entre espírito e carne, pavimentando o caminho verso uma perspectiva mais democrática e voluntarista.

Com o Renascimento e a Revolução Científica, pensadores como Bacon e Descartes reconfiguraram o saber, enfatizando uma experimentação e dissociando o estudo da natureza das questões teológicas. Kant, por sua parte, solidificou um dualismo entre razão prática e teórica, fortalecendo a tradição filosófica ocidental do século XIX e XX, John Dewey formulou uma filosofia educacional fundamentada no pragmatismo e no experimentalismo, unindo conhecimento e ação, e defendendo uma educação democrática e contínua. Entretanto, sua influência ainda não se distribui completamente nos sistemas educacionais, que continuam a ser caracterizadas por dualismos tradicionais (teoria/prática, espírito/corpo).

O texto conclui que, apesar da evolução da filosofia e da educação, a realização de uma perspectiva genuinamente democrática e científica requer a superação desses dualismos e uma adaptação às novas realidades culturais e sociais.

1956

## FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O artigo baseia-se em pesquisa qualitativa com o objetivo de aprofundar a compreensão do objeto de estudo e a perspectiva do indivíduo em relação a esse objeto e suas características, enfatizando a interpretação, a subjetividade, a flexibilidade e o interesse pelo processo de desenvolvimento do tema investigado.

A filosofia como uma filosofia de vida ser humano que a sociedade em questão valorizava & cultivava. Disso, para corroborá-lo, é relevante o fato de que a primeira grande formulação filosófica do Ocidente começa com os mais claros objetivos educativos ser humano não seria difícil.

Ser o "traje de abordar os problemas à luz da razão, desvinculada do mágico, do supersticioso e do irracional". Desde então, as filosofias oscilaram, mas recentemente obtiveram -se desvinculares, e ainda hoje de forma incompleta, das configurações previstas pelo gênio de Platão.

Já afirmamos que, antes de quaisquer formulações explícitas de filosofia, a humanidade desenvolveu as culturas nas quais estava imersa, proporcionando-lhe os instrumentos para a ação e a fantasia, o trabalho e o consumo, o prazer e o sofrimento. Essas culturas continham, em estado de suspensão, as teorias que posteriormente seriam formuladas de maneira explícita. Fundamentadas em tradições e rotinas ancestrais, as culturas, quando a história nos foi revelada, apenas puderam mudar-se por acaso ou por pressões externas, resultantes de choques e conflitos, desprovidas de qualquer elemento intencional e de qualquer plasticidade para mudança ou progresso reconhecíveis e sistematizados.

Tudo indica que nem sempre foi dessa forma e que houve períodos em que a humanidade praticou e aprendeu por meio da experiência, demonstrando um poder criativo significativo. A domesticação de animais, a criação de híbridos, a fabricação de ferramentas e instrumentos, e uma estruturação social e religiosa, com toda uma complexidade de rituais e instituições, evidenciam que o ser humano empregou sua inteligência de maneira ampla, eficaz e apropriada.

Com o auge das "civilizações", encontramos os homens imersos in um estado de triunfo e estagnação, mais dedicados ao lazer e à ostentação do que à criação, endurecidos & cristalizados em complexos contextos de costumes, rituais e rotinas.

1957

Os sofistas e Platão não eram, portanto, os reveladores da lifestyle grega, mais sim seus reformadores. Ao investirem contra os costumes e práticas estabelecidas, que pareciam resultar da adaptação cega do homem aos seus primitivos desejos e necessidades, criaram virtualmente uma sociedade dinâmica, fundamentada na transformação e na promoção da mudança.

Os gregos possuíam uma língua extraordinariamente avançada para a época, além de um talento singular para desenvolver, por meio de desenhos, representações intelectuais que facilitavam na especulação nos domínios da geometria & da matemática. Se adicionarmos a peculiaridade helênica de que sua civilização, ao contrário de outras contemporâneas, não estava subordinada ao poder sacerdotal, que normalmente detinha e protegia o saber tradicional, teremos elementos para elucidar a mudança de direção na aventura humana, a que Renan se referiu como "milagre grego".

A capacidade especulativa, resultante do desenvolvimento linguístico e da simbolização geométrica, juntamente com o secularismo da civilização grega, proporcionou a esse momento histórico a oportunidade de formular o pensamento filosófico da humanidade em condições inéditas. Tão definitivas se mostraram certas formulações, que A. N. Whitehead afirmou that

"a melhor caracterização geral da tradição filosófica do Ocidente é a de ser uma série de notas" - notas de rodapé, segundo ele - "ao pensamento de Platão".

Portanto, não é possível examinar a filosofia educacional contemporânea sem antes considerar os primórdios remotos da civilização. A construção filosófica elaborada pelo homem é um prodígio de bom senso e capacidade especulativa, dentro das limitações do conhecimento da época.

A experiência, anteriormente criativa, transformou-se em rotina ou acaso e, desprovida de conteúdo plástico, não proporcionava mais condições para um progresso contínuo ou sistemático. A razão, por outro lado, recém-descoberta, estava in pleno esplendor de criação especulativa, fascinando a imaginação grega com a maravilha das proporções, do ritmo, da simetria, da harmonia, do integral, do finalizado, do organizado, do ideal.

É admirável que Platão tenha alcançado a concepção de um *world* racional suprasensível, mais autêntico que o mundo das coisas caóticas e efêmeras, considerando que este último seria apenas uma sombra transitória e ilusória. A alegoria da caverna consagrou, em forma literária, a concepção de um *world* de ideias, real, eterno e imutável, acessível ao homem por meio da educação da mente e do espírito.

A descoberta do conhecimento racional, como um fundamento para o ser humano, representou uma aquisição tão sólida que, a duas categorias de conhecimento eram viáveis: a empírica, baseada na experiência e no erro, e, portanto, incapaz de gerar certeza; e a racional, fundamentada na especulação matemática e filosófica, nas leis da harmonia e da simetria, construção intelectual do espírito em sua intuição reveladora do real, do perene e do imutável.

Ao atribuir esse segundo conhecimento, que se desenvolveria na contemplação e no ócio, a nobreza e a dignidade da única realidade relevante, chegava-se na uma conclusão lógica, tanto mais coerente quanto a sociedade grega, aristocrática e fundamentada na desigualdade entre homens livres e escravos, enxergaria nessa conclusão uma justificativa para seu próprio regime social.

Estavam presentes os elementos para as teorias do homem e da sociedade que Platão elabora na *República*, sugerindo na estruturação de um Estado que, mais do que qualquer outro, se fundamentaria na educação e no treinamento dos indivíduos para desempenhar as diversas funções sociais atribuídas por suas respectivas ordens de natureza humana.

A filosofia e na educação constituem domínios interligados de investigação e prática, e em nenhum outro momento histórico se observa uma afirmação mais contundente,

primeiramente, acerca da função da educação na formação e alocação dos indivíduos na sociedade, e, em segundo lugar, sobre o reconhecimento de que uma sociedade organizada e próspera será aquela em que o indivíduo atue de acordo com a sua natureza intrínseca.

Como os homens seriam distribuídos? A observação do senso comum indicava que eles se classificavam em diferentes graus de capacidade mental, alguns maiores conseguindo se desvincular dos desejos e necessidades corporais, outros atingindo a coragem e a generosidade, e ainda outros, finalmente, ascendendo à contemplação intelectual e ao apreço pelas ideias e formas do espírito.

Com esses elementos, a formulação especulativa que organizasse o complexo do mundo & do O pressuposto fundamental era o seguinte: tudo que existe se categoriza em Formas e Aparências; as primeiras são reais e eternas, e apenas elas são passíveis de conhecimento, enquanto as últimas são efêmeras, mutáveis, em um estado de potencialidade, mas não alcançando a realidade, sendo apenas capazes de gerar opiniões e crenças, desprovidas de valor cognitivo, ou seja, de saber racional.

O entendimento das Formas é uma intuição mediata do intelecto, estimulada pelos sentidos, o objetivo do humano é a contemplação dessas Formas. O homem, constituído por alma e corpo, que são substâncias distintas e, de certa forma, autônomas, vivo, per meio da alma — que não é exatamente a Forma, mas assemelha-se a ela e está confinada ao corpo — in um anseio pelo mundo das formas, que representa seu verdadeiro domínio. Uma vez que o corpo pertence ao domínio das aparências, deve subordinar-se à alma e satisfazer apenas seus desejos "essenciais", e em grau mínimo.

1959

O homem atinge seu destino na medida em que se desvincula das ilusões e aparências, confrontando-se com o mundo das realidades ou das formas, que ele conhece por meio da atividade intelectual e aprecia por sua harmonia e beleza. A natureza e a sociedade emergem desses pressupostos, organizando os indivíduos conforme se emancipam do corpo e elevam sua capacidade de contemplação da verdade, do bem e do belo, ou seja, do conhecimento, que gera a virtude como consequência.

Os filósofos, que seriam, por excelência, esses homens, teriam a incumbência de governar, enquanto a hierarquia se desceria aos dotados de generosidade e coragem (defensores), até alcançar os artesãos e produtores, subjugados pelos desejos e sentidos. A sociedade é, portanto, estritamente aristocrática e fundamenta-se na desigualdade, com os homens distribuídos em três níveis da hierarquia humana.

Nesta filosofia, rudimentarmente delineada, encontramos uma teoria do universo, uma teoria do ser humano e uma teoria da sociedade, que têm regido a vida humana e na educação no Ocidente até os dias atuais.

Absorve, após longos séculos de confusão, o cristianismo, que incorpora as teorias da criação e do pecado original. Entende-se na atração dos primeiros filósofos da Igreja pelo pensamento platônico. Assemelhava-se na uma prefiguração do pensamento eclesiástico in desenvolvimento e na uma fundamentação teórica para os pressupostos orientais da nova religião.

Segundo a teoria platônica, a natureza não era considerada digna de estudo, e os seres humanos eram classificados em apenas três categorias, de acordo com os dois únicos níveis de desenvolvimento que ultrapassavam os meros apetites corporais. Ao último grupo pertenceria o trabalho, destinado a satisfazer as necessidades materiais; àqueles que, superando os desejos, alcançassem a coragem e a generosidade, caberia a defesa da sociedade; e, por fim, àqueles que se elevassem ao nível da razão e da visão universal, o poder e o governo.

A educação é o processo pelo qual os indivíduos revelam suas potencialidades e se distribuem entre diferentes classes, formulando, assim, a mais perfeita teoria das funções do processo educativo, segundo o filósofo grego. Entretanto, não foi intelectualmente viável para ele antecipar nem a singularidade de cada indivíduo, a vasta diversidade de suas potencialidades, o que resultou in um conceito aristocrático de sociedade e, de fato, após sua concretização, em uma forma restrita e estática para essa mesma sociedade.

1960

A concepção da criação do mundo e do pecado original, introduzidas pelos cristãos e derivadas da tradição judaica, visavam, por um lado, conferir dignidade à "natureza", por ter sido criada por Deus, e, por outro, oferecer uma nova explicação para os elementos constitutivos do ser humano, agora carne e espírito, os quais, longe de serem passíveis de controle pelo desenvolvimento espiritual, estariam em constante conflito, não sendo a supremacia do espírito sobre a carne um privilégio de poucos, mas a luta de todos os homens, do mais humilde ao mais dotado.

As grandes estruturas do mundo, do ser humano, da natureza e da sociedade permanecem inalteradas, mas emergem duas novas direções de desenvolvimento. A primeira é o fermento democrático, resultante da igualdade substancial entre todos os homens; a segunda refere-se ao estudo da "natureza", entendida como um repositório de formas, pois não mais se concebia a natureza as a capricho de um demiurgo, mas como a criação de Deus.

O dualismo entre forma e matéria, conforme articulado pelos gregos na concepção aristotélica, seria posteriormente reconfigurado pela perspectiva tomista, conciliando-se com a doutrina judaico-cristã. Isso resultou no desenvolvimento moderno e nas filosofias de Bacon, Descartes, Locke, Kant, Fichte e Hegel, todas derivadas e, essencialmente, destinadas a complementar Platão, em resposta à evolução da sociedade e do conhecimento humano.

Na Idade Média, os primeiros estudiosos da "natureza" eram denominados platonistas, pois buscavam, além das aparências e do senso comum, o segredo das formas, das quais a natureza seria uma cópia por imitação.

Por outro lado, os homens passaram a ser avaliados pelo esforço despendido na luta por supremacia do espírito sobre a carne, ao mérito humano, em contraste com o critério grego, passou a ser mensurado pela sinceridade na batalha e não pelas vitórias obtidas.

Existem dois elementos quase novos: a determinação humana na batalha entre o bem e o mal e na avaliação do being humano cu base em suas intenções. O grego erudito e sagaz era, de fato, um triunfador. Desenvolveu-se até atingir o conhecimento e a virtude. O cristão virtuoso era um combatente, constantemente derrotado e sempre em batalha, a ser avaliado não pelos resultados, mas pelas intenções pela intensidade de sua determinação.

Consequentemente, a fórmula platônica era intelectualista e aristocrática, enquanto a fórmula cristã era "voluntarística" e "potencialmente" democrática, conforme a expressão de W. H. Walsh resume as diferenças significativas, que se originam essencialmente da distinção entre a concepção grega de alma e corpo e a cristã de espírito e carne. Para São Tomás, corpo e espírito formam uma unidade, o que complica a noção de imortalidade e conduz os cristãos ao dogma da ressurreição dos corpos, uma conclusão que, de certa forma, santifica o corpo na batalha entre o espírito e a carne, atenuando os rigores do ascetismo helênico.

É com esses novos elementos que Bacon formula a primeira revolta, reformulando a teoria do conhecimento racional.

A formulação medieval da filosofia platônica, preservando o critério racional herdado dos gregos, "antecipava a natureza", conferindo-lhe características arbitrárias e baseadas em opiniões humanas, que deveriam ser substituídas pela revelação de suas leis verdadeiras. Para tais descobertas, foi desenvolvido o método experimental, que consistia no antigo procedimento de observar e manipular objetos, com o intuito de determinar suas possibilidades; em última análise, o método do labor humano.

A convergência entre trabalho e conhecimento, ocorrida dezenove séculos após a junção entre razão e conhecimento, representa a segunda grande revolução da inteligência humana.

Platão substituiu o mágico, o supersticioso, o "empírico" no sentido acidental, o costume e a rotina pela reflexão especulativa racional, embora tal reflexão revelasse uma verdade estática e puramente lógica. Desprezando a natureza e os métodos empíricos de trabalho, que considerava indignes de análise, encontrou a solução para sociedades aristocráticas e restritas, aptas a subsistir por meio da literatura e do ócio.

Somente Bacon abre as portas para sociedades numerosas & prósperas, em constante evolução, ao integrar o conhecimento racional ao domínio prático, inaugurando assim uma nova era de criação e originalidade contínuas para a humanidade. As sociedades destinadas a transformação e agora dedicadas ao culto da mudança ressurgiram, finalmente, sob o céu.

A retomada da observação, que as concepções platônicas, de certa forma, haviam possibilitado interromper, reconecta o espírito científico aos períodos anteriores a Platão e Aristóteles, restaurando a cosmologia previamente descoberta e, por meio do método experimental, estabelecendo uma nova física e uma nova ciência da natureza.

A cultura "acadêmica", referente às letras, ainda prevalece nas universidades inglesas na segunda metade do século XIX, enquanto na Alemanha e na França o ensino de ciências e tecnologia científica já exerce uma influência modesta.

1962

À semelhança de Platão, proliferam os dualismos, destacando-se o do espírito e da matéria, cu a ciência sendo entendida como uma investigação da matéria, enquanto a mente é vista como uma referência puramente subjetiva, relegando seu estudo às especulações filosóficas.

Até o século XIX, a ciência, de fato, limitava-se ao mecânico, e a biologia ainda aguardava Darwin para ser revolucionada com a publicação de *A Origem das Espécies*.

Apesar do novo método de conhecimento científico e da crescente riqueza gerada pela revolução industrial, impulsionada pela revolução científica desde o final do século XVIII, persiste na civilização moderna uma filosofia de natureza platônica. Este dualismo fundamental se manifesta em diversas dicotomias, como atividade e conhecimento, atividade e mente, autoridade e liberdade, corpo e espírito, cultura e eficiência, disciplina e interesse, fazer e saber, subjetivo e objetivo, físico e psíquico, prática e teoria, homem e natureza, intelectual e prático, entre outras. Esses dualismos continuam a obstruir a formação de uma sociedade democrática, caracterizada pela máxima participação dos indivíduos e dos diferentes

grupos sociais na complexa, diversificada e multifacetada associação humana que se tem desenvolvido.

Não é apropriado neste artigo aprofundar as distorções resultantes de todos esses dualismos, da natureza estritamente mecânica do progresso material e do grau em qual o individualismo, mais econômico do que humano, dos séculos dezoito e dezenove foi frustrado. No entanto, o principal desafio contemporâneo permanece a organização da sociedade democrática, fundamentada em uma filosofia apropriada, considerando os novos avanços científicos, as novas teorias do conhecimento, da natureza, do ser humano e da própria sociedade democrática.

Essa filosofia, que definirá na educação apropriada para a nova sociedade democrática em formação, já está delineada na obra monumental de John Dewey, que a concebeu especialmente para a sociedade americana, a qual, devido a uma série de circunstâncias, representa historicamente a sociedade mais impactada pelo espírito dos movimentos pré-democráticos dos séculos XVI e XVIII e mais desvinculada das influências do feudalismo e da Idade Média.

As filosofias, em suas formulações teóricas, manifestam-se sempre a posteriori, servindo más como explicações ou justificativas das culturas existentes, ou como proposições para sua reforma, revisão e reconstrução; sua implementação só é viável após longos esforços e lutas.

1963

A educação formal nas escolas resiste, de diversas maneiras, à implementação de novas ideias e teorias, & somente de forma gradual se transformará, até se tornar uma autêntica aplicação da nova filosofia democrática da sociedade contemporânea.

No Brasil, onde se manifesta, em novas circunstâncias, a mesma civilização ocidental que analisamos, na educação, de modo geral, reflete os modelos de sua origem, apresentando apenas recentemente os primeiros indícios de desenvolvimento autônomo.

De maneira geral, a filosofia educacional predominante é a mesma que foi herdada da Europa, a qual agora começa a se transformar sob uma influência das novas condições científicas e sociais, bem como das mais recentes formulações da filosofia contemporânea. À medida que nos tornaremos genuinamente nacionais e adquiriremos plena consciência de nossa experiência, desenvolveremos a mentalidade brasileira, juntamente com nossa filosofia e educação.

## METODOLOGIA

Este estudo adota a técnica de grupo focal com entrevistas semiestruturadas e observação sistêmica, valorizando metodologias de inspiração construtivista. No processo de análise, os dados produzidos pelas diferentes fontes, grupo focal e entrevista semiestruturada, foram construídos, gerando redatores de análise.

A Metodologia para obtenção dos dados inclui: Localização e População do estudo. Descrição do Instrumento Metodológico (Técnicas e conceitos dos instrumentos metodológicos para obtenção das informações utilizadas no trabalho empírico); Etapas e atividades do trabalho (descrição dos depoimentos, entrevistas e observações); Aspectos éticos.

Embasado em pressupostos da pesquisa qualitativa, este trabalho, buscou como afirma Gil (2017), mediante a modalidade de entrevistas semiestruturadas, a compreensão do tema, a partir da seleção de amostras, à coleta de dados e sua análise. Em seguida, utilizando-se de um processo adequado, dar respostas às questões da pesquisa, selecionando as informações pertinentes à produção de conhecimento sobre o fenômeno estudado.

Como esta modalidade de análise não se restringe apenas a quem colhe os dados, mas há na entrevista um intercâmbio de conhecimento entre o pesquisador e o entrevistado e o que dizem os teóricos que se debruçam na dimensão de uma educação que acolha e faça a inserção, tornando a pesquisa uma escuta produtiva e basilar daquilo que se ouve.

1964

A rede de interação que se forma já garante de ambas as partes uma produção sistemática da que se propôs a pesquisar. Também se faz necessário enfatizar que tal procedimento que é sistemático, pois relaciona o fenômeno investigado a outras categorias, é que dará o norte na redação que se manifestou nessa inter-relação (SORDI, 2017) de informações imprescindíveis entre as categorias em análise.

Numa pesquisa qualitativa, os dados coletados manifestam uma constante relação dialógica, porque quem pesquisa tem que se acercar do fenômeno em questão, demonstrando assim um entrelaçamento dos sujeitos para que se gere uma linha condutora da experiência que se propõe a narrar. Daí, depreender que sem um deixar-se envolver por parte de quem é pesquisador, não adentrará em hipótese alguma, a complexidade do fenômeno que se encontra muitas vezes entranhado no mais íntimo de cada entrevistado. Segundo Gil (2017), em vez de se inferir aos entrevistados termos como “por que”, para não transparecer que é para verificar “relações de causa-efeito”, seria bom levar em consideração ao iniciar essa investigação termos

mais abertos e abrangentes, tais como: “o que” ou “como”: ir à causa para elucidar as consequências.

Assim, tratar-se-á de uma pesquisa de estudo de casos múltiplos, analisando algumas contribuições prático-teóricas já existentes sobre o tema e sua contribuição na prática docente para uma educação que vise uma inserção humanizadora e sensível, evidenciando, conforme Gil (2017), que quando dois ou mais casos de um mesmo fenômeno têm uma e somente uma condição em comum, essa pode ser considerada a causa (ou efeito) do fenômeno.

Nessa abordagem, por se utilizar de entrevistas semiestruturadas, o ambiente em que as entrevistas foram realizadas propiciou a espontaneidade dos informantes, pois o ato de simplesmente ouvir delega ao falante poder de se expressar sem que alguém o interrompa para ratificar ou não a sua explanação, ausente em quem entrevista, porque distante do “juízo de valores e análise concomitante ao processo de escuta” (GIL, 2017).

O entrevistado tem a palavra e quem pesquisa se fixa apenas no relato de suas experiências, evitando dessa maneira que pressupostos ou comparações influenciem em sua linha de pensamento e interfiram no processo de produção de conhecimentos. Como assevera Sordi (2017), é uma incorporação de alguém que assume a postura de um expectador atencioso e em sintonia ao que se relata.

1965

Assim, o pesquisador ao esvaziar-se do juízo de valor em relação ao que se fala pelo entrevistado, não se distancia do fenômeno estudado, mas ao contrário vai ficando mais evidente o que os teóricos lhe indicaram nos estudos realizados. Ainda de acordo com Sordi (2017), é um exercício de retirada, mesmo que seja momentaneamente, dos preconceitos sociais, crenças ou suposições existentes, a fim de ir direto para a visão pura e livre do que uma coisa essencialmente é.

Em todos os momentos com os entrevistados, sobressaiu-se o que Sordi (2017) chama de “entrevista em profundidade”, pois, segundo ele, vem assinalada de três fases: no primeiro momento, vêm à tona os contextos de experiências do ponto de vista de quem fala e de quem escuta: o entrevistado tem algo a falar ao pesquisador, o pesquisador propõe-se a escutar; no segundo, os entrevistados revisitam todas suas trajetórias vivenciadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo ilustra uma interconexão intrínseca entre filosofia e educação, evidenciando sua influência recíproca ao longo da história. Desde Platão até Dewey, as teorias filosóficas

moldaram os métodos e objetivos educacionais, refletindo os valores e contradições de cada período histórico.

A persistência de dualismos, como razão contra experiência e teoria contra prática, evidencia a dificuldade em modificar sistemas educacionais enraizados em tradições hierárquicas. A proposta de Dewey, embora inovadora, ainda encontra resistência, evidenciando que a democratização da educação exige não apenas novas teorias, mas também transformações estruturais e culturais.

No contexto brasileiro, uma educação ainda espelha modelos europeus, mas possui potencial para cultivar uma filosofia autônoma, adaptada às necessidades locais. A superação dos desafios contemporâneos requer a integração do conhecimento científico, da prática pedagógica e dos valores democráticos, envolvendo uma educação mais inclusiva e adaptada às complexidades do mundo atual.

## REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo. Atlas, 2017.

habilidades/superdotação: vol.3: o aluno e a família. Brasília, DF: MEC/SEE, 2007.

habilidades: **orientação a pais e professores.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

---

<http://www2.fe.usp.br/~etnomat/site-antigo/anais/PaulusGerdes.html>

SORDI, José Osvaldo de. **Desenvolvimento de projeto de pesquisa.** São Paulo. Saraiva, 2017.

TEIXEIRA, Anísio. Filosofia e educação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Rio de Janeiro, v.32, n.75, jul./set. 1959. p.14-27.

1966